

Seu amigo esteve aqui

CRISTINA CHACEL

Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2012, 207p.

*João Quartim de Moraes**

Desde 1977, quando Renato Tapajós publicou o pungente *Em câmara lenta*, a literatura suscitada pelos anos infames do “sufoco” tem crescido ininterruptamente. A tal ponto que as tentativas de oferecer uma visão de conjunto dessa produção multiforme têm sido rapidamente ultrapassadas. Ela compreende centenas de livros, dezenas de filmes e documentários, alguns de grande fôlego, como o vasto projeto (lançado em junho de 2011) de Ricardo Carvalho, Vladimir Sacchetta e José Luiz Del Roio sobre a imprensa alternativa, clandestina e no exílio, no período 1964-1979.

Seu amigo esteve aqui é a biografia de Carlos Alberto (Beto) Soares de Freitas escrita por Cristina Chacel e lançada em novembro de 2012. A força do título está no brutal contraste entre a aparente trivialidade da frase e o abismo de abominações a que remete o “aqui”: a Casa da Morte, onde os celerados do Centro de Informações do Exército (CIE) torturam até a morte, com a mais abjeta crueldade, pelo menos 22 militantes da resistência clandestina. A frase-título foi dirigida por um dos torturadores a Inês Etienne Romeu, presa e levada à Casa da Morte em maio de 1971. Quando lá chegou, “*seu amigo*” (o Beto ou Breno, pseudônimo pelo qual era mais conhecido na luta armada, preso em fevereiro daquele ano) já tinha sido assassinado pelos algozes do CIE. Inês foi a única

* Professor de Filosofia da Unicamp. Email: quatis@uol.com.br.

sobrevivente desse centro de extermínio. Incessantemente torturada, estuprada, “reduzida a um verme”, obedecia “como um autômato”, dirá mais tarde. Por isso e por ter simulado colaborar com os degenerados que a atormentavam, ela saiu com vida da Casa da Morte.

A edição é cuidada, acima do padrão médio nacional. Contém iconografia, minibiografias dos “companheiros de Breno”, índice onomástico. A narrativa, clara e ágil, nos conduz da origem familiar e da adolescência de Beto até à Universidade, o despertar de sua consciência política, seus primeiros combates. Depois, já instaurada a ditadura, vem o relato de sua primeira prisão em julho de 1964, numa madrugada em que colava panfletos contra os golpistas (permaneceu mais de três meses na Colônia Penal de Neves). Em liberdade provisória, enquanto corria seu julgamento pela Auditoria Militar de Juiz de Fora, lançou-se na militância em tempo integral na Polop (e no PSB, que servia de fachada legal). Em fevereiro de 1967, a condenação pelos panfletos fez dele um clandestino. Numa geração revolucionária que a força dos fatos propeliu a formar-se rapidamente, ele foi dos mais precoces. Com 28 anos, à frente dos revolucionários que romperam com a Polop, articulou e levou adiante a formação dos Comandos de Libertação Nacional (Colina), que iriam desencadear em Minas Gerais ações armadas urbanas à semelhança das que estavam ocorrendo em São Paulo.

Um mês após o terrorismo de Estado ser oficializado pelo Ato 5 de 13 de dezembro de 1968, os acontecimentos se precipitaram. Em Minas, um grupo de militantes do Colina, entre os quais seu principal teórico, Ângelo Pezzuti da Silva, resistiu à bala a um cerco policial, sem conseguir abrir caminho para a fuga. Enfurecidos pela resistência à mão armada, os policiais vingaram-se com requintes de crueldade. Pezzuti, que além de escrever bem, era estudante de medicina, descreveu com pormenores as torturas que ele e seus companheiros sofreram. Conhecido por *Relatório de Linhares*, do nome do presídio onde estavam encarcerados, esse informe circulou no exterior, contribuindo decisivamente para abrir os olhos dos defensores dos direitos humanos sobre as atrocidades que ocorriam no Brasil. Naquele mesmo mês de janeiro de 1969, o capitão Lamarca, à frente da célula clandestina da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), no 4º RI em Quitaúna, periferia de São Paulo, desertou com um carregamento de fuzis e munições. A operação não foi bem-sucedida. Um grupo de apoio foi preso; as informações fornecidas por um de seus integrantes (Hermes Camargo Batista), que passou a colaborar com os torturadores, permitiram prender boa parte do núcleo dirigente da VPR.

A comprovação da vulnerabilidade de suas redes clandestinas, porém, não afetou decisivamente a vertiginosa trajetória dos movimentos de luta armada. Mesmo porque, embora duramente golpeada, a VPR reviveu na aura da imagem de Lamarca. Graças a uma dinâmica unitária, da qual Beto, aliás Breno, participou a fundo, em junho e julho de 1969 processou-se a unificação dos Colina com a VPR, a qual vinha sendo discutida há mais de um ano, formando a Var-Palmares.

Logo, porém, reativaram-se as divergências sobre a eficácia das ações espetaculares visando a desmoralizar a ditadura e libertar presos; sobre a prioridade da luta armada no campo; sobre a importância dos vínculos com o movimento operário etc. Os que seguiam Lamarca conferiam prioridade ao fuzil e supunham que a insistência de Breno e seu grupo nas tarefas políticas e nos vínculos com as bases sociais encobria tendência à inação. Em setembro, decidiram contestar a união e restabelecer a VPR.

Entre setembro de 1969 e o final de 1970, a capacidade operacional tática das organizações de luta armada eram suficientes para realizar operações de grande impacto, notadamente sequestros de diplomatas, a começar do Embaixador dos Estados Unidos. Mas os órgãos especiais de repressão policial-militar, combinando tortura em larga escala e infiltração, já estavam montando vasta manobra de cerco e aniquilamento e multiplicando, com êxito, os assassinatos seletivos. No início de 1970, em demanda da hipotética “área estratégica” rural, Breno viajou de Salvador para Belém, por via marítima. Ao voltar ao centro-sul, inteirou-se da prisão de boa parte de seus companheiros.

Em seu último ano de combate, a luta pela sobrevivência da Var-Palmares, confundida com a luta pela própria sobrevivência, consumiu suas melhores energias. As reuniões, em condições cada vez mais arriscadas, confirmavam a falta de perspectivas concretas de romper o anel de fogo em que a resistência clandestina tinha sido envolvida. A hipótese de abandonar o Brasil rumo ao exílio começou a ser considerada. Mas os esbirros da ditadura foram mais rápidos. Em meados de fevereiro de 1971, Breno desapareceu no Rio de Janeiro: mais tarde se soube, a partir do depoimento de Inês Etienne Romeu, que o tinham triturado na Casa da Morte.

Uma biografia não é um livro de análise política. Mas da biografia de um dirigente político espera-se a reconstituição do modo como sua formação teórica se refletiu nas posições que adotou perante os dilemas do combate. *Seu amigo esteve aqui* não satisfaz inteiramente essa expectativa. A decisão de romper com a Polop e passar à luta armada, da qual Breno foi o principal inspirador, não é bem contextualizada. As grandes contradições com que se defrontaram os marxistas da Var-Palmares são expostas sumariamente: postergar “*sine die*” a implantação na “área estratégica”, consumindo o essencial das próprias forças em operações táticas; reconhecer que a revolução é feita pelas massas, mas operar na base de comandos armados sem contato com elas; sustentar o caráter socialista da revolução brasileira, mas considerar estratégica a luta armada no campo. Ficamos sem saber até que ponto Breno e seus companheiros tinham consciência dessas contradições e se vislumbraram algum modo de superá-las.

As insuficiências do livro também se revelam no descuido com que são referidos títulos e palavras de ordem célebres. Lenin teria escrito “O Famigerado (em vez de Renegado) Kautsky” (p.54); Che Guevara teria conclamado os combatentes anti-imperialistas a “espalhar dois, três mil Vietnã” (p.51), tarefa cuja extensão,

Seu amigo esteve aqui • 187

convenhamos, exigiria vários planetas. Também incomodam expressões típicas da direita, desde “infiltração nos sindicatos” até a caracterização da Polop como “elite política” (p.27). Ou a lamentável frase “Opa, criei um monstro!” (p.55), de um dirigente polopista referindo-se aos que passaram à luta armada.

A vida amorosa de Breno/Beto tampouco escapa de estereótipos que melhor ficariam numa novela água com açúcar: era “dono de um estonteante par de olhos verdes” (p.25); Iara, “linda”, inspira-lhe “paixão arrebatadora” (p.65) etc. Retenhamos, porém, o que mais importa: o livro lança luz em trevas espessas.